

Cultura!



TRÊS ANOS DE 'CULTURA!'

Em seu terceiro aniversário, o *Cultura!* continua como expoente no interior paulista, trazendo em suas páginas obras de colaboradores locais, nacionais e estrangeiros, e apresentando entrevistas com artistas aclamados, como o colunista da *Folha* **João Pereira Coutinho**, e a escritora **Susana Ventura**, vencedora do Prêmio Jabuti. Para comemorar, junto com outros convidados, a Confraria da Crônica preparou textos exclusivos para esta edição especial.

Um pouco de

Cada arte...

SUGESTIONÁVEL

* O.A.

SECATTO

oasecatto@bol.com.br
www.oasecatto.com.br

Sugestionável, sugestionável mesmo, era o Orestes. Absorvia tudo de ruim que visse acontecer aos outros. Punha-se no lugar da pessoa e sofria o mesmo que ela. Começou quando ele ainda era pequeno e viu um colega de escola com uma baita verruga na testa. No primeiro dia de aula, comentou:

— Nossa... Coitado do Emerson... Já pensou se algum dia eu tivesse uma verruga assim na testa?

Foi coisa de semanas. Não deu um mês. Lá estava o Orestes com a verruga na testa, igual à do Emerson, para desespero da mãe, que o obrigou a fazer todas as simpatias possíveis, até a benedita verruga desaparecer. Teve de tudo: esfregar um grão de milho e dar para a galinha comer, fazer um nó — era só uma verruga — num pedaço de barbante e jogar no bueiro, colocar só um palito de fósforo na caixinha vazia e jogar fora, etc.

Conforme o Orestes crescia as coisas iam acontecendo. Para o terror dos pais. Viu um menino que tinha perdido a unha do dedão. Perdeu-a também, dois meses depois. Demorou o dobro disso para crescer novamente.

**Foi coisa de semanas.
Não deu um mês. Lá estava o
Orestes com a verruga na testa,
para desespero da mãe**

No hospital, certo dia, já adolescente, presenciou uma menina que mancava. A mãe já foi reunindo os nomes dos santos que lembrava... E protestou:

— Ah, não. Já estamos aqui por causa do olho torto, Orestes. Pelo amor de Deus!

Foi instantâneo. Segundos depois de dizer “Nossa... Coitada...”, não conseguia pôr o pé no chão. A mãe cobria o rosto, incomformada e resmungando.

Com ele era assim: às vezes demorava, mas sempre assimilava as doenças, infelicidades e o azar dos outros. Quando ele viu o muro do vizinho cair por causa de uma ventania e soltou “Nossa... Coitado...”, o pai já foi ligando para o pedreiro: “Não, ainda não caiu, mas...”

Na casa dos avós testemunhou o avô com crise de gastrite. Disse “Nossa...” e teve gastrite até terminar a faculdade.

Até que um dia casou. E a esposa sofreu muito com o Orestes, que certa vez viu uma reportagem de pessoas famintas na África e emagreceu dez quilos. Em três dias.

Assim foi indo. Mas a esposa sempre teve medo, mesmo, de que aquilo transbordasse um dia, que passasse dele para os outros.

Um verdadeiro exagero. Foi quando aconteceu. A gata dos vizinhos morreu de repente. O Orestes disse “Nossa... Coitado do Nunes...” E pum. O gato deles caiu duro. Sem nem um miado.

O tempo passou. Dias depois de comemorar dez anos de casamento, teve que ir ao velório de uma tia. Sentiu a dor do tio, que perdera a esposa, e não se conteve:

— Nossa... Coitado do... — A esposa o interrompeu na hora, com mão na boca e tudo.

— Cala a boca, Orestes. Cala a boca!



Palavra



“Rou! Rou! Rou!”

PAPAI NOEL

NASCIDO EM ALGUM LUGAR DO POLO NORTE, EM DATA DESCONHECIDA, O “BOM VELHINHO”, QUE ENTREGA PRESENTES A TODAS AS CRIANÇINHAS DO MUNDO, APARENTEMENTE AINDA NÃO MORREU.

Papai Noel



Cultura! é uma publicação do jornal O Extra.net, concebida por O. A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

EXPEDIENTE
EDITOR: O. A. SECATTO
COLABORADORES: GIL PIVA,
JOÃO LEONEL, ZÉ RENATO E
JACQUELINE PAGGIORO
DIAGRAMAÇÃO: ALISSON CARVALHO

Três anos!



CIAO, MAESTRO!

ZÉ RENATO

Dia vinte e seis de novembro perdemos Bernardo Bertolucci. Enxovalhado nos últimos tempos, face à polêmica criada acerca da produção de *Último Tango em Paris*. Acusado de um suposto exagero numa cena de sexo entre Marlon Brando e Maria Schneider. Ambos estão mortos. Ficou a histeria. Todavia, o filme é maior. Já havia produzido grandes obras, porém, *Último Tango em Paris* transformou-se num marco. Com produção impecável, trilha do grande Gato Barbieri, uma direção segura, com planos e ssequências lindíssimas, luz quase natural e Marlon Brando no auge. Longe da beleza dos anos cinquenta, transita entre o decadente e o “coroa fatal”. Plenitude é o termo correto. Contracena com a jovem e bela germânica, Maria Schneider, de apenas dezenove anos. Marlon é Paul, viúvo, que encontra casualmente a jovem, no momento em que ambos vistoriavam um apartamento, a fim de alugá-lo. Transam ali mesmo. Decidem não saber nada um do outro. Paixão e tesão em doses cavалares. Marquês de Sade e Santo Agostinho juntos. Eros e Thanatos a dançar. O filme é de uma violência lírica. Uma busca heideggeriana por nada. Mas, no final: o último tango. Obra-prima. Nos anos 1990 foi premiado com o Oscar por *O Último Imperador*. Obra com a qual acertou as contas com o partido comunista italiano. Sensível, aborda a triste vida de Pu Yi, imperador que nasceu prisioneiro e morreu como jardineiro. Sofreu os horrores da Revolução Chinesa. Nunca usufruiu da liberdade. E esse é o grande tema da película. Dirigiu o épico *1900*, em 1976, com Robert De Niro e Gérard Depardieu. Foi responsável por outras grandes películas: *O Conformista*, crítica ao fascismo, de 1971. *La Luna*, de 1979, aborda o incesto. Com Jill Clayburgh no auge e música de Ennio Morricone.

O Céu que nos Protege, baseado na obra de Paul Auster, com John Malkovich e Debra Winger. Todavia, o melhor foi guardado para o final: em 2003 nos presenteia com a película *Os Sonhadores*. Centrada na Paris de 1968, cuja ação, majoritariamente, se dá num amplo apartamento, no qual habitam dois irmãos, apaixonados por cinema. Acabam por abrigar um jovem norte-americano, recém-chegado à França, para estudar cinema. A paixão filmica da tríade materializa-se numa paixão carnal e, dialeticamente, se concretizam. Grandes obras e cineastas são citados e louvados. Há uma antológica recreação da cena de *Jules e Jim: Uma Mulher para Dois*, ocorrida no interior do Louvre. Recluso, em face do câncer, Bertolucci ainda nos legou *Eu e Você*. Lírico e singelo. Apesar das polêmicas, Bertolucci nos deixa uma grande obra. Digna e resiliente. Deve ser vista e revista. Foi-se um dos últimos mestres.

Apesar das polêmicas, Bertolucci nos deixa uma grande obra. Digna e resiliente. Deve ser vista e revista. Foi-se um dos últimos mestres



Três anos!



HELENA GOMES

REVISTA ARTE BRASILEIRA
www.revistaartebrasileira.com.br

HELENA GOMES

Jornalista, revisora e escritora com mais de 40 livros publicados para o público infantil, juvenil, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e jovem leitor, com obras adotadas em colégios e selecionadas por programas (Biblioteca Itaú Criança, PNBE, Minha Biblioteca e Apoio ao Saber), pelo Catálogo da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) para representar a Literatura Brasileira na Bologna Children's Book Fair e pela Machado de Assis Magazine para o Salão do Livro de Paris. Foi quatro vezes finalista no Prêmio Jabuti e no Prêmio FNLIJ, obtendo o Selo Altamente Recomendável. Mais sobre seu trabalho em helenagomes-livros.blogspot.com.br.

• São 12 contos que contam com vampiros, anjos, criaturas malignas e demônios. Qual foi a ideia da coletânea?

A ideia foi reunir histórias sob uma temática mais abrangente, apresentando uma boa variedade de personagens e enredos ao estilo de cada um dos autores. A força que move os contos é o suspense, claro que misturado a outros ingredientes, como ação, romance e humor.

• Por que decidiram fazer um livro baseado no “medo” e no “terror”?

Tanto eu quanto o Secatto gostamos de escrever histórias com elementos de suspense e terror. Na Literatura Fantástica, aproveitamos bastante essa possibilidade de expandir a narrativa além dos limites impostos pelo que pode acontecer somente na vida real.

• Vocês recorreram a uma enorme erudição e a referências clássicas — que vão desde a

mitologia grega até a atmosfera terrível da Inquisição. Como foi esse processo de pesquisa?

A pesquisa é fundamental, mesmo que a trama se passe no presente. Nós checamos as informações em fontes confiáveis, consultamos especialistas, enfim, tomamos todo o cuidado para que as histórias não sejam prejudicadas. Afinal, mesmo o leitor sabendo que está embarcando numa ficção, fica complicado acreditar nela quando se esbarra em algum detalhe que não foi devidamente pesquisado. Um exemplo? Como perdoar um filme norte-americano que mostre personagens brasileiros falando espanhol como idioma nativo? Faltou pesquisa aí, por mínima que fosse. Como criadores de histórias, não podemos deixar que isso aconteça.

• O livro “Sombras no abismo” narra um terror e suspense de tirar o fôlego. Como é isso?

A Literatura Fantástica nos permite traçar um paralelo com a realidade ao mesmo tempo em que nos coloca no lugar dos personagens e nos faz lidar com os próprios sentimentos, inclusive nossos medos mais profundos. Foi por esse caminho que seguimos, criando histórias que trazem ao leitor a oportunidade de mergulhar em um universo cheio de desafios e perigos.

• Esse livro parece ser direcionado aos jovens...

Sim, ele é direcionado ao público jovem, mas os fãs adultos de histórias sobrenaturais também gostarão do livro.

A Literatura Fantástica nos coloca no lugar dos personagens e nos faz lidar com os próprios sentimentos, inclusive os medos mais profundos

Trecho

“A sombra do lobo

Todos têm seus fantasmas. Ou monstros. O pior deles, o mais cruel e sanguinário, é aquele que finjo não existir. Ele sopra aos meus ouvidos. Aconselha, divide, duvida. E desnuda a essência que me transfigura, rasga, penetra e agride. E me completa.

Era uma noite muito fria e o longo caminho até East End, a área de péssima reputação onde moravam em Londres, parecia ainda mais assustador. A mãe obrigou a filha de cinco anos a apertar o passo. Havia um assassino à solta, estripando mulheres.

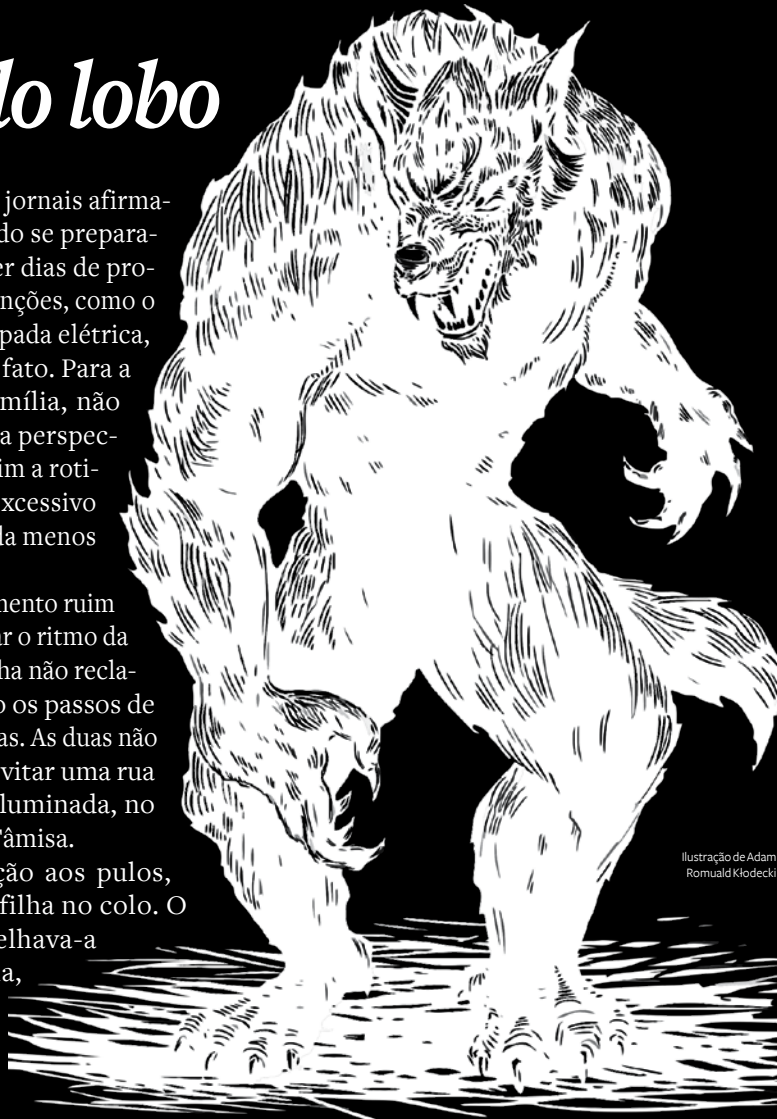
Ela trabalhava como criada na mansão de um nobre, o marido dobrava-se em vários turnos como operário nas obras do metrô. A filha mais velha, de oito anos, sempre cuidava da irmã caçula. Mas, naquele dia, começara a vender flores no mercado de Spitalfields, o que obrigara a mãe a levar a mais nova para o serviço.

Estavam em 1888, muito perto de um

novo século. Os jornais afirmavam que o mundo se preparava para conhecer dias de progresso. E as invenções, como o telefone e a lâmpada elétrica, provariam esse fato. Para a criada e sua família, não existia nenhuma perspectiva otimista e sim a rotina de trabalho excessivo para tornar a vida menos miserável.

Um pressentimento ruim fez a mãe acelerar o ritmo da caminhada. A filha não reclamou, agilizando os passos de suas pernas curtas. As duas não tiveram como evitar uma rua estreita e mal iluminada, no lado sul do rio Tâmsa.

Com o coração aos pulos, a mãe pegou a filha no colo. O medo aconselhava-a com sabedoria, impulsionando-a a fugir para muito longe.”



Vampiros, arcanjos, elmos, bruxas, monstros, pacto... mo, escritos por Helena Gomes e Osvaldo Secatto recorrem a uma enorme erudição e a referências da Inquisição — para narrar histórias repletas de sob... de divertir e assustar, traçam um passeio vigoroso p... Com isso, trazem novidade e conteúdo às histórias... leitores. Confira abaixo alguns trechos da entrevista.



SOMBRAS NO ABISMO

Autores

Helena Gomes e Osvaldo Secatto

Editora

Escrita Fina (136 páginas)

Disponível em

amazon.com.br

submarino.com.br

americana.com.br

travessa.com.br

Três anos!



cos malignos e alucinações. Os 12 contos reunidos em *Sombras no abismo*, dão vida às mais variadas criaturas e formas do medo. Seus autores clássicos — que vão desde a mitologia grega até a atmosfera terrível da obsessão, reviravoltas, tensão e surpresas. Narrativas que, para além do imaginário ocidental a respeito do medo, do terror e da violência. Histórias de suspense e fantasia que tanto despertam a atenção dos jovens leitores quanto a concedida à *Arte Brasileira* individualmente por cada escritor.



helenagomes
osvaldosecatto

Sombras no abismo

12 contos de suspense e terror

SOMBRAS NO ABISMO
Autores: Helena Gomes e Osvaldo Secatto
Editora: Arte Brasileira (128 p., 16 págs., R\$ 32,50)
Disponível em: www.artebrasileira.com.br



REVISTA ARTE BRASILEIRA
www.revistaartebrasileira.com.br

OSVALDO SECATTO

Funcionário do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, escritor, autor de *Não Tem Erro*, uma coletânea de crônicas divertidas e bem-humoradas, publicou contos e crônicas por diversas editoras em mais de 29 livros. Mais informações no site: www.oasecatto.com.br.

• O livro “Sombras no abismo” narra um terror e suspense de tirar o fôlego. Como é isso?

Como disse a Helena, está aí o poder da Literatura Fantástica: traçar um paralelo com a realidade e colocar o leitor no lugar dos personagens, vestir sua pele, fazendo-o lidar com seus medos mais profundos, imerso num universo cheio de desafios e perigos.

• Esse livro parece ser direcionado aos jovens...

A princípio, sim, o que não impede que leitores de todas as idades — e que gostam do gênero — apreciem todos os contos.

• São 12 contos que contam com vampiros, anjos, criaturas malignas e demônios. Qual foi a ideia da coletânea?

Quando sentamos, eu e a Helena, para pensar o projeto, concordamos em reunir nossas histórias fantásticas da forma mais abrangente possível. Foi daí que surgiu essa variedade de personagens e enredos, sempre permeados com o suspense: aparentemente, na época em que iniciamos

o projeto, já havíamos escrito de tudo um pouco. Acho que faltou só um dragão meu... rsrs

• Por que decidiram fazer um livro baseado no “medo” e no “terror”?

A Helena disse tudo: ambos gostamos de escrever histórias com elementos de suspense e terror, principalmente na ficção fantástica, que nos proporciona essa liberdade total de criação. H. P. Lovecraft — autor da epígrafe que usamos no livro e inspiração para o meu conto *Kituruahu* — já dizia que “a emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o mais antigo e mais forte de todos os medos é o medo do desconhecido”: o medo instiga essa nossa curiosidade e nos prende à história.

• Vocês recorreram a uma enorme erudição e a referências clássicas — que vão desde a mitologia grega até a atmosfera terrível da Inquisição. Como foi esse processo de pesquisa?

Mario Quintana disse nunca ter escrito uma vírgula que não fosse uma confissão. Embora os autores criem universos inteiros distantes de suas realidades, muitos elementos das histórias são reflexos da cultura, do conhecimento e da experiência de cada um, como as referências mitológicas, religiosas e históricas presentes nesses doze contos. Nossa vivência traz esse arcabouço — às vezes clássico e erudito. (O que nunca dispensa a específica e acurada pesquisa para cada história.)

Trecho

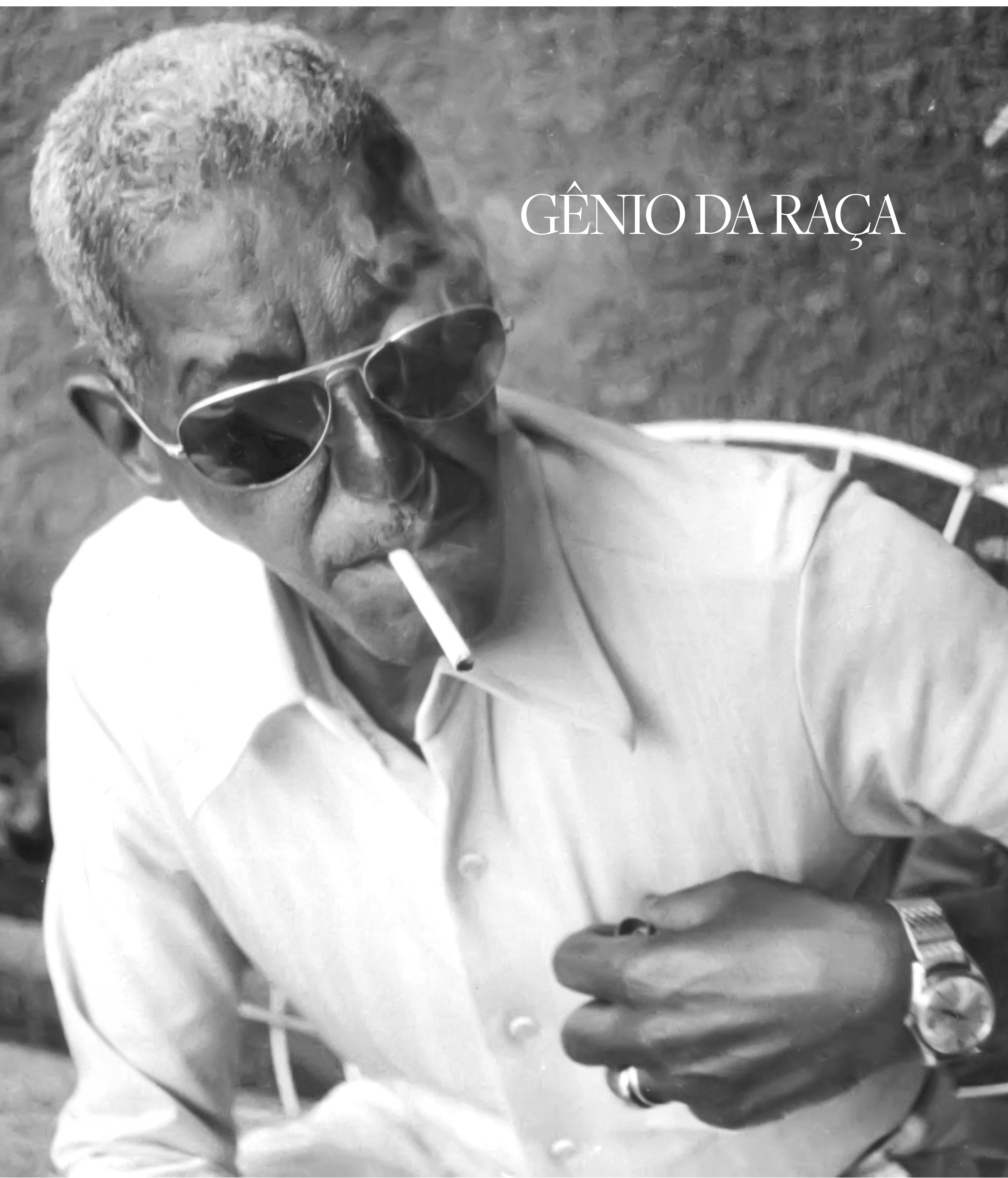
“Quando o céu caiu



Muito longe dali, chegaram a um grande círculo de luz, como que desenhado por um fogo azul-claro no chão escuro de uma vasta planície. Vários anjos estavam nos limites do círculo. No centro, uma chama pálida ardia num turbulento vórtice sobre um colúmeno. Perto da flama, via-se um anjo de maior estatura, de grande presença e barba e cabelos brancos com inúmeras tranças. Brilhava mais que todos os outros, até mais que a chama, e seus olhos eram estrelas fulgentes. Uma grande cicatriz lhe fendia a barba no lado esquerdo da face.
— Finalmente — proferiu.
— Eis a criança, senhor — disse o anjo menor, e olhou para trás, donde tinha vindo.
— Pequena criatura, o tempo é escasso, portanto serei direto contigo. — Sua

voz era áspera e implacável. — Preciso de teu sangue para pôr fim a tudo isso e salvar os homens.
Aqueles palavras ecoaram na jovem mente do menino. Um pouco pela voz do arcanjo e mais pelo conteúdo súbito e, para si, confuso.
— Meu sangue?
— O sangue é poder neste mundo. O sangue dos homens. O teu, contudo, é mais especial e poderoso que qualquer outro por causa de ti mesmo. Dado de bom grado por ti, em sacrifício, sobrepujará todo o poder que os demônios angariaram em seus sinistros rituais. — O arcanjo engoliu em seco e olhou por sobre a cabeça do menino para o lugar donde a criança viera. — Eu te peço. Teu sangue dará aos anjos do Senhor o poder de subjugar todos os demônios; e a mim, o de derrotar o príncipe das trevas.
Os anjos ao seu redor estavam inquietos. Agitavam-se e olhavam para a mesma direção.
— Anda, ou seremos dizimados aqui mesmo. Não haverá amanhã para os anjos nem para os homens.”

Três anos!



GÊNIO DA RAÇA

ZÉ RENATO

Trinta e oito anos se passaram. Cartola nos deixou.

No seu funeral, mestre Waldemiro marcava com surdo o entoar de *As Rosas Não falam*, cantada pela multidão presente e, sobretudo, pela plêiade de bambas da música popular brasileira.

Nem tudo foram flores na vida desse gênio. Angenor de Oliveira — sim o “n” foi um erro percebido bem mais tarde — nasceu no bairro do Catete; as dificuldades financeiras levaram a família a residir no morro da Mangueira. Local, onde, mais tarde, fundaria a “Estação Primeira de Mangueira”,

com o grande amigo Carlos Cachça, além de Nelson Cavaquinho, Nelson Sargento, dentre outros bambas.

Na Mangueira, morava num barraco com Dona Deolinda, exercendo a atividade de pedreiro e, às noites, cantava samba e tocava violão.

Recebia em seu domicílio a ilustre visita de Noel Rosa. Amigo e parceiro de boemia.

Em 1940, a pedido de Heitor Villa-Lobos, seu admirador, formou com Pixinguinha, Donga e João da Baiana um grupo de sambistas para uma apresentação ao maestro Leopold Stokowski.

Somente em 1957, graças ao jornalista e cronista Sergio Porto, Cartola, identificado no trabalho que executava — lavador de carros —, foi levado para gravar. Apresentou-se na rádio Mayrink Veiga.

A redenção como a se dar na década de 1960, quando Cartola e Dona Zica abriram o “Zicartola”. Marco da música, da boemia, do encontro dos bambas da música.

Em 1965, participou do espetáculo “Opinião”, com Zé Ketí e João do Vale. Gravou um disco.

Um ano antes, fez uma ponta na película *Ganga Zumba*, de Carlos Diegues.

Apesar de durar apenas dois anos, o Zicartola foi um marco nas casas noturnas.

Somente em 1974 veio a consagração definitiva: a gravação de *As Rosas não falam* e *O Mundo é um Moínho*.

Muitas apresentações e homenagens. Reconhecimento tardio. Porém, em vida, Cartola pôde desfrutar um pouco da sensação merecida de se reconhecer uma “divindade”.

No entanto, a simplicidade e a singeleza do gênio não o permitiam vê-la.

Um câncer o levou em 30 de novembro de 1980.

Ainda havia muito a fazer.

“...ouça-me bem, amor, preste atenção, o mundo é um moínho, vai triturar seus sonhos mais mesquinhos. Vai reduzir suas ilusões a pó...”

Em 1940, a pedido de Villa-Lobos, seu admirador, formou um grupo de sambistas para uma apresentação ao maestro Leopold Stokowski

Três anos!



SONHO DE CONSUMO

JACQUELINEPAGGIORO

Das entrevistas de emprego que frequentara nos últimos meses, aquela era a única que tinha lhe permitido passar para a terceira etapa: a entrevista.

Diante do responsável do RH da empresa de recrutamento ele estava impecável: terno e gravata, barba feita, perfume discreto. Tentava aparentar calma e tranquilidade e se sentia confiante para dar as melhores respostas.

— Então, sr. Carlos, analisamos seu currículo: inglês e norueguês fluentes, boas escolas, curso superior com MBA, mas três empresas falidas. Como pode nos explicar isso?

— Veja, bem, neste país as coisas não são fáceis. Impostos, taxas que não acabam mais, funcionários com tantos direitos. E a fiscalização não dá trégua, se a gente não paga direito eles vêm pra cima, e aí a gente fica refém das propinas. Não é fácil a vida de patrão. Tive que desistir. Agora, me contento em colaborar com os que ainda ousam em ser empregadores.

— Analisamos seu currículo — rebate o entrevistador —, mas como o senhor mesmo disse, as coisas não estão fáceis. Com o período do Natal se aproximando, aparecem muitas vagas. O comércio varejista está confiante, apesar de não ter conseguido bater as metas com a Black Friday. São muito promissoras as expectativas para as vendas de final de ano com a entrada do décimo terceiro salário. Os shopping centers são os que mais necessitam de colaboradores.

— Para ser sincero, minhas pretensões vão além. Sei que tenho muito a oferecer, se me derem uma chance, tenho certeza que poderei oferecer meus préstimos e confio na minha capacidade para ser efetivado passado esse período.

— Entendemos suas pretensões, são legítimas. Um de nossos parceiros — renomado shopping center de elite — ficou muito interessado em suas qualificações, principalmente na fluência do norueguês. E, no momento, o que temos para lhe oferecer é uma vaga para “Papai Noel da Lapônia”. Lhe interessa?

Não era isso que Carlos tinha como meta. O tempo de espera por um emprego — que não chegava —, o desespero e as dívidas se acumulando bateram mais

forte. Afinal, poderia levantar algum dinheiro. E até que não era má ideia se fantasiar de “bom velhinho” e ficar umas horas sentado dizendo: *Ho, ho, ho! Du var en god gutt vil vinne en vakker gave!* (“Você foi um bom menino vai ganhar um belo presente!”). Topou.

Chegou ao local na data e hora combinados. Recebeu a indumentária toda: roupas, botas, cinto barba e peruca. Além do sacrifício de colocar uma enorme barriga postiça (que sequer imaginou ter que usar), teve que aturar o tal maquiador e seus trejeitos espalhafatosos. Mas a “grana” para “Santa Claus” bilíngue era bem-vinda.

Sentado no trono vermelho, diante da enorme fila, Carlos, agora Santa Claus, iniciou sua jornada. Foram tantas crianças e mães e pais e babás e avós, tias e afins, e birras e choros e malcriações — onde estavam as crianças dóceis e sorridentes das propagandas? — que o “saco já tava ficando cheio”... Nem o ar-condicionado dava conta de amenizar o calor daquela fantasia que para ele agora soava também ridícula.

A tão esperada pré-estreia do Papai Noel que falava norueguês, vindo diretamente da Lapônia (que, segundo a lenda, é a terra do tal), atraiu tanta gente que não deu nem para fazer a pausa para a refeição.

Malcriação, calor, fome e cansaço já estavam fazendo com que o saco do “bom velhinho” estivesse próximo da boca. Quase dez horas da noite e a fila imensa. Carlos não aguentou, explodiu. Num rompante de ira levantou-se dizendo em alto e bom português que seu horário tinha terminado.

Lapônia, Santa Claus, Natal, crianças, a parentalha toda: que fossem pra “casa do chapéu” (não fica bem num texto natalino colocar o palavreado chulo que ele pensou em dizer daquilo tudo).

Na fila, crianças se esgoelavam; adultos protestavam indignados com a desfaçatez do Santa Claus. Nas redes sociais foram postadas filmagens da cena inusitada. Muitos exigiam providências. Alguns clamavam em voz alta: “Comunista filho da p...; com essa roupa vermelha deve ter vindo da Rússia; será que não pode compreender o sonho de consumo das nossas crianças? Vai pra Cuba, maldito!”

Encerrada a breve carreira, Carlão Noel concluiu: é difícil ser patrão, não é muito fácil ser empregado. Para sair da pindaíba, já traçava planos: tentaria carreira política; se não desse certo, ia de assessor parlamentar — ou motorista — mesmo. Quem sabe não arranjava uma boquinha e se descolava?



Três anos!

TEU SORRISO

O.A. SECATTO

In hoc die Pulchrae, o Pulchra! Tuum risus.
Em minha alma, absoluto é teu sorriso.

D'íúmeros pecados do homem, ultor.
Dono da chama de minha vida e bondade,
sobre toda beleza do mundo, vencedor,
a compensar a imperfeição da realidade.

Diante dele, ó vede, que tudo silencia,
e a luz se faz a desvelá-lo à visão!
No ímpeto do espír'to, não o trocaria
nem pelos ocultos segredos da Criação.

Pois já me agraciou Deus com grande tesouro,
maior que a riqueza por que os Noldor juraram
reaver as Joias de Fëanor, mais que o ouro,
as eternas que os próprios Valar desejaram.

Quando a fria mão eu tocar da morte edaz,
e o Senhor me chamar a contemplar seu viso,
fechar-me-ei, resoluto, os olhos em paz:
a última imagem do mundo será TEU SORRISO.

